

## HISTÓRIAS QUE PRECISAM FAZER HISTÓRIA... EM NÓS!

---



"[26] Um anjo do Senhor disse a Filipe: 'Vá para o sul, para a estrada no deserto que liga Jerusalém a Gaza'. [27] Filipe partiu e encontrou no caminho um alto oficial etíope, o eunuco responsável pelos tesouros de Candace, rainha da Etiópia. Ele tinha ido a Jerusalém para participar da adoração [28] e estava no caminho de volta. Sentado em sua carruagem, lia em voz alta o livro do profeta Isaías. [29] Então o Espírito disse a Filipe: 'Aproxime-se e acompanhe a carruagem'. [30] Filipe correu até a carruagem e,

perguntou-lhe: 'O senhor compreende o que lê?'. [31] O homem respondeu: "Como posso entender sem que alguém me explique?". E convidou Filipe a subir na carruagem e sentar-se ao seu lado." (Atos 8.26-31 – Nova Versão Transformadora)

Na passagem bíblica acima, Filipe, o segundo dos sete diáconos relacionados em Atos 6.1-7, encontra o oficial militar responsável pelos tesouros da rainha etíope Candace. Na ocasião, o eunuco viajava de Jerusalém para a Etiópia e, no caminho, lia em voz alta o livro do profeta Isaías. Portanto, neste cenário temos um africano com a posse de um livro judaico. Ao ser questionado por Filipe sobre o nível de compreensão da literatura que tinha em mãos, o etíope – que tinha certa familiaridade com os ritos judaicos – confessa que não entenderia o que estava escrito no livro que li, a menos que alguém fosse capaz de lhe explicar o sentido do texto. Em nossos dias o problema enfrentado pelo oficial etíope é bastante comum. Vejamos:

Muitos cristãos protestantes ainda sofrem – em maior ou menor grau – os efeitos gerados pelos resquícios da herança deixada pela Igreja Católica, que achou por bem, sequestrar a Bíblia do povo. Em uma época onde os analfabetos – que constituíam a maioria da população europeia – não entendiam o latim, surgiu a oportunidade de criar e aumentar as tradições dogmáticas sem o risco de uma interferência séria da Bíblia. Dessa forma os ensinamentos bíblicos se transformaram “no que a Bíblia disse”, segundo os mestres autorizados pela hierarquia em Roma. Afinal, quem teria coragem de colocar em dúvida as interpretações eclesiásticas oficiais? Qualquer pessoa que desafiasse publicamente as tradições católicas era tachada de “herege” e morta ou banida juntamente com suas obras. Assim, duas barreiras ofuscavam a mente do “cristão” típico antes da reforma protestante. Primeiro, a língua latina que não se entendia. Segundo, uma ameaça física e espiritual efetiva. A mesma realidade se faz presente em muitas igrejas evangélicas, onde o estudo bíblico genuíno é subtraído do povo (principalmente no que tange o Antigo Testamento), e a palavra do líder eclesiástico não pode – em hipótese alguma – ser questionada pela comunidade. Como resultado, os livros históricos da Bíblia quando não são usados para citação de mantras e invocação de poderes místicos,

servem apenas para entreter crianças na Escola Bíblica Dominical. Pouco ou nenhum esforço é feito no sentido de compreender que as páginas das Escrituras apresentam narrativas que ilustram a relação entre Deus e o mundo, primeiramente exemplificada na vida de Israel, e em seguida na vida do Senhor Jesus e da igreja primitiva. **O propósito real dos livros históricos é chamar os crentes a uma vida de responsabilidade para com Deus, não em isolamento, mas como parte de uma comunidade.**

Há uma distância cultural imensa que separa a mente de um judeu da época de Abraão ou Davi e o brasileiro do século XXI. Tente imaginar o choque cultural que o apóstolo Paulo sentiria se entrasse em um aeroporto moderno ou visitasse uma cidade como São Paulo, com movimentadas avenidas e imensos conjuntos de prédios. Semelhantes surpresas confrontariam o leitor da Bíblia se ele fosse transportado de volta para os tempos de Jesus. Sendo assim, para diminuirmos esse abismo cultural, se faz necessário o uso de livros que têm como objetivo esclarecer o sentido das Escrituras. É o que fazem os comentários e dicionários bíblicos. Esses materiais dão importante auxílio ao leitor da Bíblia, que necessitará de toda sorte de fontes informadoras sobre a história bíblica para interpretar corretamente suas referências. Afinal, no Antigo Testamento, há **histórias que precisam fazer história... em nós!** Quem pouco sabe da história, pouco entenderá das referências bíblicas relacionadas aos eventos contemporâneos.

Tomemos o Livro de Josué como exemplo. Com eventos ocorridos entre 1406 a.C. e 1.385 a.C., Josué é o livro de triunfo e vitória do Antigo Testamento. Ele conta a história da conquista de Canaã pelos israelitas sob a liderança de Josué, o líder espiritual e militar da nação. Mas por trás de impressionantes narrativas de conquistas e vitórias, estão ensinamentos de como nós, cristãos, podemos viver como autênticos seguidores de Cristo, em um mundo hostil, mergulhado na incredulidade, no materialismo e em padrões morais contrários ao que a Bíblia ordena.

No Livro de Josué aprendemos sobre a soberania do Deus do universo, sobre pecados ocultos e como lidar com eles, sobre o preço da desobediência e também vemos que Deus permite a autonomia dos homens para fazer resplandecer a Sua própria glória. Por um período limitado, o Senhor abandona um povo ou uma nação às leis de causa e efeito (cf. Romanos 1.24, 26 e 28). Contudo, o livro ensina que isso não significa que Deus deixa de mostrar misericórdia enquanto se aguarda o julgamento final.

O Livro de Josué também trabalha, em seus vinte e quatro capítulos, princípios que devem fazer parte da vida de todo cristão, tais como: uma vida de oração contemplativa (cf. 1.1), a necessidade de preparo e esforço para superar as adversidades na vida (cf. 1.2), a exigência de um culto prestado a Deus de forma sincera e verdadeira (cf. 24.14-15) e a conscientização de que a Palavra de Deus atua da mesma forma na vida do líder e na vida de seus liderados (cf. 1.7; 23.6).

Quando visto da forma acima, o Livro de Josué rompe com os olhares meramente históricos, informativos e se torna amplamente relevante em nossos dias, funcionando como guia de referência sobre como procedermos no dia a dia, debaixo da graça e da vontade de Deus.

O pesquisador George Barna<sup>1</sup>, documentou o seguinte: 38% dos americanos se esquecem do Antigo Testamento e acreditam que a Bíblia inteira foi escrita várias décadas após a morte de Jesus; 12% acreditam que a mulher de Noé era Joana D'Arc; 49% acreditam que a Bíblia ensina que o dinheiro é a raiz de todos os males e apenas 12% dos adultos acreditam na história da Arca de Noé. No Brasil, os resultados são ainda piores. Em um país onde 77 milhões de pessoas não lêem livros<sup>2</sup>, dos que lêem, apenas 10% leram trechos da Bíblia e só 2,5% leem com frequência<sup>3</sup>. Sendo assim, o estudo ordenado e contínuo das Sagradas Escrituras se faz mais do que necessário.

Portanto, o simples hábito de ler a Bíblia, muitas vezes de forma displicente e aleatoriamente, não produz resultados muito positivos. Inúmeros filhos de crentes externam sua amargura contra a igreja e o lar cristão porque a Bíblia foi o manual da vida apenas na aparência. Mas embora a interpretação bíblica envolva aquilo que outros dizem e ensinam sobre as Escrituras, fazer uma boa exegese e aplicá-la em nosso dia a dia é, em última análise, responsabilidade de cada um de nós. Sem isso jamais poderemos viver como Jesus nos chamou a viver.

---

<sup>1</sup> **George Barna** é californiano, fundador e presidente da *Barna Research Group Ltd.* e autor de livros como *Marketing na Igreja e Igrejas acolhedoras e amigáveis*.

<sup>2</sup> Veja: <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/127790.html>

<sup>3</sup> Veja: <http://www.infonet.com.br/gleicequeiroz/ler.asp?id=91406&titulo=gleicequeiroz>